Globethics Repository




# Lamentos na Bíblia [Laments in the Bible ]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Pohl Baumann, Igor |
| Publisher | Faculdade Batista Pioneira |
| Rights | Creative Commons Copyright (CC 2.5) |
| Download date | 2026-11-13 18:09:29 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/234047 |

Este artigo é parte integrante da
Revista
Batista Pioneira
online - ISSN 2316-686X
impresso: ISSN 2316-462X
http://revista.batistapioneira.edu.br/
Bíblia, Teologia e prática

# LAMENTOS NA BÍBLIA: UM ESTUDO DA HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

## LAMENTS IN THE BIBLE: A STUDY OF THE HISTORY OF INTERPRETATION

*Igor Pohl Baumann*[1]

RESUMO

Este artigo pretende demonstrar que a interpretação dos salmos de lamentação não ocorreu de um dia para o outro, mas como parte de um processo dinâmico e criativo na história da interpretação bíblica. Esse processo contribuiu para que os avanços da pesquisa dos salmos de lamentação chegassem ao ponto que encontramos e, a partir deste ponto, o intérprete seja criativo e seguro em suas interpretações. Analisaremos tal processo examinando os períodos da história de interpretação dos salmos e, em seguida, observando a ênfase de cada escola de interpretação dos salmos.

**Palavras-chaves**: Linguagem de lamentação. História dos salmos. Interpretação e crítica.

[1] O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É professor da Faculdade Teológica Batista do Paraná, pastor da área de educação cristã da Primeira Igreja Batista de Curitiba (PR), diretor e professor do Centro de Formação Ministerial (CFM) da mesma igreja. E-mail: igorbaumann@yahoo.com.br

## ABSTRACT

This article argues that the interpretation of the lamentation psalms did not occur from one day to another, but as part of a dynamic and creative process in the history of biblical interpretation. This process contributed to the research advances of the lamentation psalms reached the point that we find, and from this point, that the interpreter is creative and confident in his interpretations. We analyze this process by examining the periods of history of interpreting psalms and then observing the emphasis of each school of interpretation of the Psalms.


**Keywords**: Language of lament. History of psalms. Interpretation and criticism.

## INTRODUÇÃO

O tema da lamentação é de grande importância para os pesquisadores no campo da Teologia e das Ciências da Religião. Ele tem ocupado espaço nas observações e análises fenomenológicas do mundo antigo, da religião de Israel e nos estudos teológicos do Antigo Testamento. Notamos que ao longo do desenvolvimento da pesquisa dos Salmos, o interesse pelos salmos de lamentação é crescente e cada vez mais desenvolvido no contexto acadêmico e pastoral. Certamente, a perspectiva mais conhecida de abordagem da lamentação bíblica é a da crítica da forma.

Com a crítica da forma, a lamentação começou a ser tratada como um gênero literário. A classificação "salmos de lamentação" foi amplamente difundida pelo trabalho de Hermann Günkel (1862-1932), que é reconhecido como o pai da crítica da forma. Portanto, grande parte da literatura que visa o estudo da lamentação e/ou do lamento em si concentra-se no exame acurado do gênero literário dos salmos bíblicos, dentre os quais encontramos o gênero do lamento.

É importante, porém, reconhecer que a crítica da forma não é a única perspectiva de leitura da lamentação. É correto afirmar que ela abriu caminhos para outros pesquisadores e novas abordagens de aprofundamento na análise da lamentação. Claus Westermann (1909-2002), por exemplo, discorda da classificação pormenorizada de Günkel e sugere uma classificação mais simples para os salmos: louvor e lamento, apenas.[2] Westermann estaria considerando os salmos bíblicos não só na perspectiva literária, mas da perspectiva da experiência religiosa (comum à humanidade).

[2] WESTERMANN, Claus. **Praise and lament in the Psalms**. Edinburgh: T. &T. Clark, 1981, p. 15-35.

## 1. PERÍODOS DA HISTÓRIA DE INTERPRETAÇÃO DOS SALMOS: COMO SE INTERPRETAVAM AS LAMENTAÇÕES BÍBLICAS

Ao longo da história da pesquisa da lamentação - inicialmente, a que localiza os salmos de lamentação - pudemos verificar alguns períodos principais que auxiliaram no avanço da interpretação. Coetzee sugere seis períodos, no qual seguimos: primeiro século d.C., patrística, igreja medieval, hermenêutica da reforma protestante, pós-reforma (séculos XVII a XIX) e o século XX. Esses períodos refletem algumas tendências gerais da pesquisa ao longo da história.[3]

### 1.1 Período apostólico

O chamado período apostólico tem como referência e ponto de partida a literatura cristã primitiva, isto é, o Novo Testamento dos cristãos e a literatura apócrifa e pseudepígrafe do primeiro século.[4] O cristianismo primitivo produziu cantos desde os primórdios, porém, não nos legou uma coleção ao estilo do saltério do Antigo Testamento.

Não obstante, a literatura cristã primitiva foi influenciada sobremaneira pelos salmos da literatura hebraica. O Novo Testamento faz onze citações diretas de salmos. Jesus, segundo os evangelistas, fez referência pelo menos a quatro salmos de lamentações (a saber, Salmos 22, 31, 35 e 69). Com isso, é provável que Jesus desse certa proeminência aos salmos de lamentação, talvez por considerá-los uma espécie de fundamento e identificação da própria experiência de vida encontrada na Palestina do primeiro século ou ainda por, mais tarde, em sua carreira, ele próprio fazer uso da lamentação em sua morte sacrificial.

Como afirma Kirkpatrick,[5] os salmos hebraicos influenciaram o cristianismo primitivo chegando a ser de suprema importância "na história do culto e da devoção cristã".

### 1.2 Período da patrística

Em seguida ao período apostólico temos a tendência do que chamamos de pós-apostólico, ou seja, da patrística, relativo aos Pais da igreja, de cristãos filósofos e apologistas. Esses "Pais" foram uma espécie de precursores do método histórico-

[3] COETZEE, J. H. A survey of research on the Psalms of lamentation. **Old Testament Essays**. Pretoria: OTSSA, n. 5, p. 151-155, 1992.

[4] Para um estudo introdutório da literatura cristã primitiva consulte: VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva**: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e Pais Apostólicos. Santo André: Academia Cristã, 2005.

[5] KIRKPATRICK, A. F. **The book of Psalms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1957. p. xcviii.

crítico, porém, ainda bem ecléticos no modo de interpretar os salmos. A interpretação patrística dos salmos, de um modo geral, possuía uma característica altamente cristocêntrica. No salmo 22, por exemplo, um dos proeminentes salmos de lamentação do saltério, teve na época uma intepretação basicamente cristológica e amplamente difundida por Justino Mártir.

Os Pais da igreja antiga fizeram parte da corrente de interpretação subjetivista e marcada pelo misticismo.[6] Isso possibilitou a difusão do método de leitura alegórica, começando com Orígenes de Alexandria e sendo verificada em outros expoentes deste período. A alegoria, na época, ganhou espaço entre os estudiosos da Bíblia a partir da necessidade de interpretar os mistérios que o Espírito Santo teria inspirado, deixando imagens espirituais ocultas no texto.[7]

Para outro exemplo patrístico destaca-se a obra de Agostinho de Hipona, que escreveu um denso comentário dos salmos. Agostinho é da época pós-nicena, onde o método alegórico já estava sendo combatido e veementemente atacado. Porém, sua interpretação do Salmo 22 continua sendo cristológica e claramente alegórica.[8] Não obstante, ele ainda definia os salmos de lamentação como penitenciais e os atribuía ao rei Davi.[9]

Neste período, podemos dizer que a pesquisa dos salmos de lamentação permitiu aos intérpretes aplicar esses textos ao Senhor Jesus como servo sofredor. Provavelmente, dando início ao que chamamos hoje de mística da inutilidade. A alegoria predominou até meados da Idade Média, época pré-escolástica.



### 1.3 Período da igreja medieval

O período da igreja medieval marcou o crescimento de uma exegese literal, ou literalista, oposta àquela alegórica que certos segmentos da patrística tinham realizado. Foi neste período que houve uma separação da teologia da exegese. Começa o estudo mais científico da exegese com a redescoberta das línguas originais. Foi uma época em que surgiram vários comentários bíblicos.

Tomás de Aquino foi um intérprete famoso deste tempo. A maneira como ele percebia as Escrituras era filosófica, racional. Para ele, o exercício exegético

[6] ALGLADA, Paulo R. **Introdução à hermenêutica reformada**: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox Publicações, 2006. p. 25-33.
[7] WIT, Hans de. **El la dispersion o texto es patria**: introducción a la hermenêutica clásica, moderna y posmoderna. San José: Universidad Biblica Latinoamericana, 2002. p. 68-75.
[8] AGOSTINHO, Santo. **Comentário aos Salmos**: Salmos 1-50. São Paulo: Paulus, 1997.
[9] FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Vida, 2006. p. 35, 86, 195.

deveria representar o testemunho da verdade bíblica sem ingenuidades (a respeito da interpretação patrística), mas com inteligência, combatendo seus opositores racionalmente. Aquino procurou conciliar a exegese bíblica com a verdade filosófica. Por isso, seus comentários possuem estruturas semelhantes a de disputas filosóficas platônicas e aristotélicas. Aquino marca a transição da interpretação patrística para a escolástica.

Seguramente o estudo dos salmos foi marcado por este período. Mas não tivemos mais informações a respeito de como se desenvolveu a observação dos salmos de lamentação.

### 1.4 Período da Reforma Protestante

Por conseguinte, temos o período da Reforma, onde há uma nova consciência da história, marcada pelo humanismo. O debate da Reforma Protestante gira em torno da autoridade e centralidade das Escrituras Sagradas, em matéria de fé e interpretação bíblica. Este foi o ambiente em que os reformadores começaram a enfatizar a importância do retorno ao estudo da exegese bíblica, a fim de descobrir o que o texto diz por si mesmo.

Lutero e Calvino foram os personagens que mais influenciaram a pesquisa e exposição dos salmos nesta época, bem como da interpretação bíblica. Para Lutero, por exemplo, o *sensus literalis* (sentido literal) ocupava o primeiro lugar como regra de interpretação, em seguida, o *sensus spiritualis* (sentido espiritual). Por este motivo, Lutero se torna um estudioso do hebraico e grego bíblico.

Lutero estudou representativamente o livro dos salmos:

> O saltério é o livro de todos os santos; e qualquer um, independentemente da situação em que possa estar, encontrará salmos e palavras adequados a essa mesma situação que está vivenciando, de tal forma que parece ter sido escrito para ele, de um modo que ele mesmo não poderia descrever melhor, satisfazendo-o plenamente.[10]

O reformador testemunha: "foi muito difícil para eu romper com meu zelo habitual pela alegoria. No entanto, estava consciente de que as alegorias eram especulações vazias e, por assim dizer, espuma da Escritura. É somente o sentido histórico que leva à verdadeira e sã doutrina".[11]

[10] LUTHER, Martin. **Luther's works**: word and sacrament I. Philadelphia: Fortress Press, 1976. p. 255, 256.
[11] LUTHER, Martin. **Luther's works**: first lectures on the Psalms 1: 1-75. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1974.

Calvino, que publicou seu comentário dos salmos em 1557, tencionava chegar ao *sensus verus* (sentido verdadeiro) em suas pesquisas bíblicas. Anderson [citado por Costa][12] sumariou, na introdução à tradução inglesa do comentário de salmos, em 1845: "seu [de Calvino] primeiro e grande objetivo é descobrir a intenção do Espírito".

Assim como Lutero, ele rejeitou a interpretação alegórica da Bíblia. Porém, entendia a exegese como apenas uma fase do processo de interpretação. Acreditava que a elaboração dogmática deveria seguir após a exegese, especialmente, para a pregação. Mesmo assim, ele valorizou muito o trabalho do estudo morfológico e filológico da Escritura e foi árduo estudioso dos salmos.[13]

Stewart enfatiza que os comentários de Calvino sobre os salmos ainda são de utilidade acadêmica e devocional para os acadêmicos e religiosos.[14]

### 1.5 Período entre os séculos XVII e XIX: a pós-Reforma

O período seguinte à Reforma Protestante, que vai do século XVII ao XIX, foi marcado pela polaridade entre a exegese e a ortodoxia cristã. Ou seja, entre um tipo de exegese mais técnica, voltada para os estudos do texto-em-si sem interesse em descobrir a revelação divina, e àquela que reclamava para si a verdadeira doutrina.

O início deste período foi marcado pela presença de exegetas advindos do renascentismo. Estes, em sua maioria, eram pesquisadores e professores do hebraico bíblico e de filologia oriental, ainda sob a influência do humanismo. O pensador humanista não faz perguntas do tipo: "Quando ocorreu o fato? Qual a origem do texto? Para quem foi escrito? Quem é o autor?". Entre os humanistas não encontraremos rastros de suspeita subjetiva ou biográfica, senão apenas de linguagem e cultura. O pensador do Renascimento percebe o texto bíblico com outro *status* do que o pensador do Iluminismo. Os exegetas começaram a perceber que "a linguagem se refere à prática social, não a sutilezas teológicas".

A exegese dos salmos passou da cristianização e doutrinamento para a pesquisa do transfundo social que existia no Antigo Oriente Médio. Houve grande avanço na pesquisa dos salmos, principalmente, pelo início dos estudos do mundo do Antigo Oriente Médio. Foi uma época de acesso às pesquisas em nível global, quando começaram a ser traduzidos os comentários rabínicos e judeus. Publicações de



[12] COSTA, Hermisten. **Calvino de A a Z**. São Paulo: Vida, 2006. p. 33.
[13] WIT, 2002, p. 81, 82.
[14] Consulte: STEWART, Angus. **João Calvino sobre a excelência dos Salmos**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: ‹http://www.cprf.co.uk/languages/portuguese_calvinonpsalms.htm›. Acesso em: 20 abr. 2010.

dicionários, concordâncias, livros científicos sobre o contexto histórico da Bíblia, etc., contribuíram para uma nova era da interpretação. Procurou-se saber mais sobre a jurisprudência, estruturas sociais e a cultura israelita. Fontes novas e antigas foram descobertas, como os textos do Midraxe, Mishna, Talmude, de Flávio Josefo e Filão de Alexandria.

Os salmos de lamentação são analisados não mais sob a ótica da penitência ou da oração por socorro a Deus, mas como literatura que fazia parte das relações de cultos e rituais dos israelitas.

Os exegetas cristãos, por sua vez, se dedicaram muito mais ao estudo das formas para chegar ao conteúdo teológico dos salmos. Estima-se que depois de 1750 a exposição dos salmos perdeu seu caráter espiritual-místico e prático-eclesiástico, dando espaço para novas abordagens racionais dos textos, uma vez que havia uma diversidade de pesquisas e novas influências críticas na interpretação. Podemos verificar que este período abriu caminho para uma nova era de experimentos no campo da interpretação dos salmos: a crítica da forma.

Em outras palavras, o período pós-Reforma foi uma época marcada pelo racionalismo e cientificismo nascente. Muitos textos bíblicos começaram a ser explicados cientificamente apenas como sendo fenômenos naturais. A Bíblia começa a ser lida sob a ótica da suspeita.

Na contramão destes estudiosos, houve a influência do movimento da ortodoxia e neo-ortodoxia protestante. Este movimento reclamava a si a defesa da verdadeira fé. Agora, o "espírito livre" da exegese deu lugar a uma interpretação mais exclusivista. Esses movimentos surgiram a partir da necessidade de estabelecer limites e firmar as raízes da fé cristã diante das descobertas científicas do seu tempo. Então, os movimentos da ortodoxia e neo-ortodoxia pretendem pôr um fim neste "liberalismo" marcado pela desconstrução do texto sagrado.

### 1.6 Século XX

No século XX, várias escolas surgiram e ainda perduram. É o caso da *Gattungforschung*, isto é, a crítica da forma, cujo precursor foi Hermann Günkel. Cada um destes períodos identificados contribuiu para o avanço da pesquisa dos salmos de lamentação, de nosso interesse. É certo que com Günkel ela se expandiu: posteriormente, surgiram os estudos de Sigmund Mowinckel; indo além, proporcionou estudos mais amplos, como os de Claus Westermann, e estudos mais específicos, como os de Erhard Gerstenberger. Estes e outros igualmente importantes no estudo dos salmos de

lamentação e, concomitantemente, no da linguagem de lamentação.

As interpretações da lamentação atualmente se equilibram entre perspectivas bastante críticas e outras vividamente contextualizadas. O estudo da lamentação como um fenômeno universal aos seres humanos tem proporcionado conexões seguras para os pesquisadores entre o mundo antigo e a atualidade. Percebe-se que os escritores de ênfase mais hermenêutica e aplicativa da Bíblia utilizam-se daqueles com viés iminentemente críticos da literatura e religião do mundo do Antigo Oriente. Passemos a aprofundar como a interpretação dos salmos e, por conseguinte, das lamentações, se desenrolou no vigésimo século para o vigésimo primeiro.

## 2. ESCOLAS DE INTERPRETAÇÕES DOS SALMOS DE LAMENTAÇÃO: APRENDENDO COM O PASSADO PARA APRIMORAR NO FUTURO

Já mencionamos algumas tendências históricas no estudo dos salmos, dentre os quais os salmos de lamentação fazem parte. Nosso primeiro objetivo era tão somente localizar a história da pesquisa dos salmos e situar no âmbito do presente estudo: a interpretação dos salmos de lamentação não ocorreu de um dia para o outro, mas como parte de um processo dinâmico e criativo na história da interpretação bíblica. Esse processo contribuiu para os avanços da pesquisa dos salmos de lamentação e para que ela chegasse ao ponto em que a encontramos.

Portanto, nosso foco neste segundo item é verificar a influência das escolas de interpretação dos salmos de lamentação a partir do século XX, época que marca os maiores avanços na pesquisa.[15] Começaremos pela crítica das formas, passando pela escola das interpretações cúlticas dos Salmos e chegando às tendências recentes da pesquisa e seus principais representantes.

### 2.1 A crítica da forma

A lamentação, segundo a crítica das formas, é um gênero literário. Isso se deve ao pesquisador Hermann Günkel, que introduziu este trabalho pioneiro para interpretação dos salmos bíblicos. Günkel fez grande contribuição ao estudo dos salmos identificando os vários gêneros literários por meio do método da composição literária. Esta perspectiva "teve seu início na crítica literária, para o qual a determinação da estrutura ou composição de maiores obras literárias (as fontes) foi

[15] COETZEE, 1992, p. 151-174. É digno de nota que o artigo de Coetzee nos ajudou a elaborar estas subdivisões. Não seguimos toda a ordem que ele propõe, mas valorizamos os itens que ele trabalhou.

um dos principais ingredientes da metodologia [a da crítica das formas]".[16]

Com sua classificação dos salmos, Günkel foi capaz de superar a história e o positivismo literário de seu tempo. Antes de sua pesquisa era comum ao exegeta ou teólogo assumir que determinado salmo possuía um autor ou poeta específico. A interpretação da crítica da forma abriu portas para a verificação do ambiente vivencial dos salmos de lamentação, a despeito de sua autoria. Chega-se a conclusão que os salmos de lamentação nascem de um ambiente cujo sofrimento provém de desigualdades promovidas pela injustiça. O sentimento de injustiça é sempre uma das marcas desse tipo de literatura.

Segundo Childs, Günkel "estabeleceu, de forma conclusiva, que os cenários históricos dos salmos não deveriam ser pesquisados em eventos históricos particulares, mas na vida cúltica da comunidade".[17] Em outras palavras, Günkel estimula a pesquisa dos salmos tendo em vista as suas formas literárias, situação vivencial e sentimento religioso da comunidade. Comunidade esta, muito provavelmente, a produtora da peça literária em questão.

### 2.2 Interpretações cúlticas

O estudo dos salmos, durante a década de cinquenta e sessenta do vigésimo século, foi dominado pela interpretação cultual de três acadêmicos principais e duas escolas de pensamento: Sigmund Mowinkel, Arthur Weiser e Hans Joachim-Kraus, as escolas escandinava e do mito-rito.[18] Na escola escandinava, Mowinkel é o principal precursor. Ele assume o trabalho de Günkel e aprofunda a ideia de que o *Sitz im Leben* dos salmos tem lugar concreto no cenário cúltico da comunidade de Israel.

O indivíduo desafortunado é parte de um todo comunitário e, por isso, procura um significado para seu sofrimento na dinâmica cúltica do antigo Israel. Mowinckel deixou claro que os indivíduos não produzem a comunidade, mas são "produzidos" por ela. Conquanto, o culto é central em Israel. O indivíduo é observado dentro de um todo comunitário e ideológico.

Mowinkel ainda procurou demonstrar uma "ideologia da realeza"[19] como padrão básico do culto e defendeu a tese contrária de que os salmos eram exclusivamente



[16] KNIERIM, R. Criticism of literary features, form, tradition and redaction. In: KNIGHT, D. A. e TUCKER, G. M. (Edit.). **The hebrew Bible and its modern interpreters**. Philadelphia: Fortress, 1985. p. 123-166.
[17] CHILDS, Brevard. **Introduction to the Old Testament as Scripture**. Philadelphia: Fortress Press, 1979. p. 509.
[18] COETZEE, 1992, p. 157-158.
[19] FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2006. p. 24.

expressão de uma religião privada. Ele próprio demonstra sua contrariedade aos intérpretes positivistas:

> eles [os intérpretes], mais ou menos conscientemente, compartilham de um certo desdém quanto a um culto eclesiástico organizado que foi comum ao pietismo, aos movimentos reavivalistas, ao racionalismo e ao liberalismo. Eles mesmos, em geral oriundos de círculos influenciados pelo pietismo, davam por certo que tais grupos tinham existido também no judaísmo e encontraram ali o berço da salmodia.[20]

Coetzee contribuiu sobremaneira neste ponto, seguindo a tese de Mowinkel - que os salmos têm lugar vivencial concreto no culto[21] - direcionando a ideia de que o "salmo de lamentação era normalmente recitado pela pessoa que estava em perigo, ou por um substituto". E completa: "portanto, as expressões estereotipadas (fórmulas) encontradas nos salmos de lamentação, por exemplo, como a descrição do tipo de infortúnio, doença ou sofrimento, são compreensíveis".[22]

A escola do mito e rito nasceu em Londres, na Inglaterra, fundada por Hooke. Para esta escola, a oração real é vista dentro do quadro de um culto dramático contra os poderes míticos do caos. Foi nesta escola que a interpretação cultual atingiu seu ápice. A atenção aos lamentos individuais é retomada como parte da vida cúltica de Israel.[23] Bentzen pode ser alistado como um dos defensores destas ideias.[24]

No centro desta posição iniciada na Inglaterra verificamos a possibilidade de haver em Israel um culto padrão. Este "culto padrão" seria advindo do contexto do Oriente Próximo como um todo. Sustentado pela hipótese de um padrão mítico e ritual do antigo Oriente Próximo,[25] Smick contribui a esta pesquisa: há uma semelhança, senão um relacionamento direto numa linguagem mito-poética nos salmos, entre Israel e os



[20] MOWINKEL, Sigmund. **The Psalms in Israel's worship**. Oxford: Basil Blackwell, 1962.
[21] Há ainda outros expoentes desta escola. São aqueles que veem salmos de lamentações reais. Isto é, salmos de lamentação onde o rei é representante de Deus ou substituto do povo. Para Birkeland, estes salmos de lamentação reais promovem a ideia que "o lamento do indivíduo deveria ser visto como uma oração real. Como resultado da interpretação cúltica dos salmos, a maior ênfase era sobre o reinado sagrado. Isto resultou na democratização das orações reais e a diferença entre o lamento do indivíduo e o do povo desvanecido. Em ambos os tipos, o sofrimento nacional e lamento nacional são preocupantes", conforme: COETZEE, 1992, p. 157. Consulte também: BIRKELAND, H. **Die feine des individuums in der Israelitischen Psalmliteratur**: ein Beitrag zur Kenntnis der Semitischen Literatur und Religionsgeschichte. Oslo: Grødahl&Søns, 1933.
[22] COETZEE, 1992, p. 157.
[23] Gerstenberger acredita que com os salmos reais de lamentação há uma recuperação na piedade pessoal nos salmos de lamento. Porém, Günkel acredita que esta piedade pessoal só é possível se o salmo se tornar espiritualizado ou mistificado e, então, perdido seu caráter cúltico. Consulte: COETZEE, 1992, p. 158.
[24] BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1968. Vol. 1.
[25] FOHRER, 2006, p. 24.

canaanitas.[26] Este culto padrão é uma arma de guerra contra o caos no antigo Oriente Médio como um todo, e, significativamente, contra os inimigos de Israel.

A partir destas hipóteses é possível delinear um avanço na prática da lamentação no antigo Israel. Certamente, ela começa dentro das estruturas cúlticas, porém, com o passar dos anos, principalmente com o evento da destruição do templo na época exílica, os lamentos possuem características de produção por indivíduos. Depois, especialmente no pós-exílio, onde a sacralidade das escrituras absorve a sacralidade da palavra proferida, a lamentação se ajusta a um tipo de penitência no culto padrão de Israel.

### 2.3 Pesquisas da literatura do Antigo Oriente

As pesquisas relativas à literatura do Antigo Oriente auxiliaram a interpretação dos salmos de lamentação. Os pesquisadores descobriram paralelos de lamentação entre os egípcios, sumérios e acádios. Dentre eles, destacam-se Begrich,[27] Falkenstein e Von Soder[28] e, mais recentemente, Dalglish.[29]

Há grande similaridade entre as lamentações da Bíblia hebraica e as literaturas acadianas. Ambas são construídas estereotipicamente e são constituídas de: invocação, oração, lamentação, súplica e gratidão. Os poemas acadianos, por exemplo, são mais concretos que os poemas bíblicos, que são mais generalistas. Ou seja, há uma maior aplicabilidade histórica de uma situação concreta, mais fácil de identificar nos poemas acadianos. As lamentações israelitas possuem alto grau de dificuldade na descoberta das suas situações - vivencial ou histórica.

Os pesquisadores dos poemas do Antigo Oriente Médio são da opinião que os salmos acadianos, particularmente, influenciaram os salmos hebraicos por meio da literatura sagrada dos canaanitas.[30]

O problema deste ponto de vista é afirmar que houve simplesmente uma cópia dos poemas cananeus da parte dos israelitas. Mowinkel, por exemplo, entende que os israelitas não copiaram os babilônicos ou egípcios, mas fizeram parte de um conjunto



[26] SMICK, E. B. Mythopoetic language in the Psalms. **Westminster theological journal**. Philadelphia: Westminster Theological Seminary, n. 44, p. 88-98, 1982.
[27] BEGRICH, J. Die Vertrauensäußerungen im Israelitischen Klageliede des Einzelnen und in Seinen Babylonischen Gegenstück. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**. Berlim, n. 46, p. 221-260, 1928.
[28] FALKENSTEIN, A.; SODEN, W. von. **Sumerische und Akkadische Hymnen und Gebete**. Zürich: Artemis, 1953.
[29] DALGLISH, E. R. **Psalm fifty-one in the light of ancient near eastern patternism**. Leiden: Brill, 1962.
[30] Conforme: JOHNSON, A. R. The Psalms. In: ROWLEY, H. H. (Edit.). **The Old Testament and modern study**: a generation of discovery and research. London: Oxford University Press, 1961, p. 162-209.

cultural debaixo das mesmas tradições culturais e convenções literárias.[31] Seguindo esta hipótese, Israel apenas ajustou estas tradições e convenções à sua própria cosmovisão. Esta é a perspectiva preferível para as interpretações.

Para tanto, o que marca especialmente este tipo de pesquisa é a importância do estudo dos textos ugaríticos. A percepção que os pesquisadores têm tido dos salmos bíblicos através da descoberta da cultura e linguagem deste povo tem afetado positivamente o andamento da pesquisa dos salmos e de lamentação. Não há dúvidas que o estudo da cultura e religião canaanita tem providenciado contribuições significativas no estudo da história da religião de Israel.

Em outras palavras, é de comum acordo entre os pesquisadores do Antigo Israel que os textos ugaríticos e mesopotâmicos de modo geral fazem parte do transfundo poético dos textos sagrados de Israel.

### 2.4 Nova crítica do gênero literário

Dada a importância da contribuição dos estudos da cultura e literatura do Antigo Oriente Médio para a linguagem de lamentação em Israel, houve também um impulso na descoberta de novos estilos retóricos, literários e estruturalistas na pesquisa dos salmos. Contraposto às análises da crítica das formas, os estudos crítico-literários e canônicos começam a ganhar espaço na pesquisa. Significativamente, o novo gênero crítico é representado pelas pesquisas que enfocam novas perspectivas da poesia hebraica.

Coetzee assume que este avanço nos estudos se deu devido ao evento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Isto é, a classificação de Günkel e o aprofundamento dos estudos de *Sitz im Leben* de Mowinkel referem-se ao período pré-guerra. Já os avanços literários na pesquisa que descarta a crítica das formas referem-se ao período pós-guerra. Hans-Joachim Kraus é um dos expoentes do período.

Kraus escreveu um comentário dos salmos (publicado em dois volumes em inglês, alemão e espanhol) e uma teologia. Suas obras marcaram uma nova época em que entra em cena a teologia do lamento. A teologia do lamento, a partir do trabalho de Kraus, tem constituído um novo foco para a pesquisa moderna.

Kraus questiona o uso do termo *Sitz im Leben* porque, segundo ele, é significativo apenas para a perspectiva da crítica da forma a fim de descobrir o lugar cúltico do

[31] MOWINKEL, Sigmund. Psalmkritik Zwischen 1900 und 1935: Ugarit und die Psalmenexegese. In: NEUMANN, P. H. A. (Org.). **Zur Neueren Psalmenforschung**. Darmstadt: Wissenschaftiche Buchgesellschaft, 1976, p. 315-341.

salmo.[32] Mas ainda há discussões e melhores conclusões a serem feitas a respeito de se o *Sitz im Leben* se refere apenas a um tipo de ambiente cúltico.

É neste ponto que o trabalho de Westermann contribui grandemente: ele vê a importância da lamentação por causa do ser humano.[33] O israelita, no caso dos escritos bíblicos, era uma pessoa limitada em suas esferas de possibilidades. O lamento, no seu entendimento, não tem significado em si mesmo se estiver desassociado da experiência humana (fundamentalmente religiosa). Ele não serve para proclamar a angústia e o caos existencial ou nacional, unicamente. O lamento serve para transformar a angústia em alívio. O lamento, portanto, deveria ser exclusivamente voltado para Deus.[34]

Certamente, a busca por uma teologia da lamentação começa com Kraus, mas chega à sua concepção teológica segura e abrangente no contexto do Antigo Testamento com Westermann.

Este tipo de interpretação mais moderna é adequado para estudar o fenômeno religioso e a Teologia dos salmos de lamentação.

Primeiro, a Teologia, porque tanto Kraus quando Westermann possibilitam que a exegese se torne "teologizável", isto é, que ela encontre sentido nos estudos que pretendem considerar a pessoa e atividade de Deus em relação com os seres humanos. Segundo, o fenômeno religioso, porque, se de um lado a Teologia (do Antigo Testamento) verifica as relações de Deus (o Deus dos hebreus) com o universo (o mundo bíblico), a fenomenologia da religião observa a experiência humana (isto é, daqueles israelitas, representativamente, dos salmistas) com o sagrado (por assim dizer, com Deus, *Javé*).

### 2.5 Pesquisas recentes que enfocam o lugar vivencial dos salmos de lamentação

Com o declínio da análise do *Sitz im Leben* exclusivamente para um ambiente cultual, os estudiosos desta linha procuraram revitalizar suas pesquisas para compreender melhor o ambiente do qual os salmos de lamentação estão vinculados.

Os estudiosos exigem uma definição concreta deste lugar vivencial para os salmos de lamentação. Segundo esta hipótese, o suplicante estaria aguardando uma decisão formal de uma jurisprudência local diante de seu problema e sofrimento.

[32] COETZEE, 1992, p. 160.
[33] WESTERMANN, 1981, p. 24.
[34] WESTERMANN, 1981, p. 32.

Esta jurisprudência estaria associada a uma liturgia no culto que pedia a direção e veredicto pelo sofredor a partir da consulta e intervenção direta de Deus.[35]

Este ponto de vista avançou com a contribuição de Gerstenberger, proeminente estudioso dos salmos bíblicos. Feininger é da opinião que Gerstenberger verifica que o lugar vivencial dos salmos individuais pertence aos ritos privados orientados para o templo nos quais a canção de lamentação do suplicante representava o *clímax* desta liturgia.[36]

Para Seybold, Gerstenberger apresenta que o salmo de lamentação individual "privado" seria parte de um institucional duplo: primeiro, derivado da cabeceira de um doente, que realizava atos penitenciais recitando-o; segundo, como salmo recitado em uma situação de culto, como parte da liturgia de restituição da perda.[37]

Siqueira faz uma observação interessante: ele aponta que Gerstenberger entende os salmos de lamentação como provenientes dos grupos primitivos da sociedade israelita.[38] Consultando diretamente Gerstenberger, verificamos que suas hipóteses começam situando a compilação do saltério na época pós-exílica.

Portanto, muitos salmos que foram reunidos faziam parte de um passado distante do povo do pós-exílio. Segundo ele, existiam dois lugares principais de compilação: um no centro, em Jerusalém; e outro nas províncias, isto é, nas assembleias locais - mais tarde conhecidas como sinagogas. Neste caso, os salmos escolhidos intencionalmente para cada situação - a do centro e a das províncias - deveriam responder às situações particulares de cada grupo. Provavelmente, foram as celebrações localizadas na periferia que contribuíram com os salmos individuais do saltério, uma vez que no centro eram priorizados os cânticos nacionais. Mais tarde, os escribas foram as pessoas responsáveis pela compilação final. Isso legou um caráter altamente cúltico e litúrgico ao saltério.[39]

Gerstenberger abandona a "hipótese de que os salmos tenham surgido como poemas privados, como desabafos de indivíduos introvertidos".[40] Afinal, uma



[35] FEININGER, Bernd. A decade of german Psalm-criticism. **Journal for the study of the Old Testament**. London: Sheffield, n. 20, 1981, p. 93.
[36] FEININGER, 1981, p. 94.
[37] Consulte: SEYBOLD, K. **Das Gebet des Kranken im Alten Testament: Untersuschungen zur Bestmmung und Zuordnung der Krankheits und Heilungspsalmen**. Stuttgart: Kohlhammer, 1973 (BWANT 99).
[38] SIQUEIRA, Tércio M. El lamento. **Revista de interpretación bíblica latinoamericana**. Quito, n. 52, p. 23-30, 2005, p. 24.
[39] GERSTENBERGER, Erhard. **Salmos**: os gêneros dos Salmos no Antigo Testamento. São Leopoldo: Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, 1984. Vol. 1, p. 6-9.
[40] GERSTENBERGER, 1984, Vol. 1, p. 10.

literatura litúrgica não poderia nascer assim. Onde, então, ele encontra a formação dos salmos de lamentação? Chegamos aqui numa das maiores contribuições que poderíamos enumerar no estudo da interpretação dos salmos: Gerstenberger entende que esses salmos compilados no pós-exílio originaram-se a partir da necessidade e vivência do povo de Israel em torno de cantores/profetas/sacerdotes pré-exílicos que ministravam liturgias ao povo.[41] As pesquisas de Gerstenberger nos ajudam a localizar o lugar vivencial dos salmos de lamentação.

O biblista alemão que citamos ainda exerce, ao leitor moderno, a possibilidade de atualização da lamentação bíblica, isto é, ao convergir a experiência da dor direcionada a Deus nos tempos bíblicos com a dor dos injustiçados na atualidade; proporcionando assim, aos salmos de lamentação de Israel, um aspecto de conexão do tempo veterotestamentário com a modernidade, como orações para todos aqueles que sofrem.

Gerstenberger enfoca seus estudos na comunidade que estava por detrás dos salmos de lamentação.[42] Outros estudiosos contribuíram bastante para os avanços da interpretação do lugar vivencial dos salmos de lamentação, apresentando soluções para o problema proposto:[43] Beyerlin,[44] Delakat[45] e, significativamente, Weiser.[46] Estes três últimos citados, no entanto, não possuem tanta expressão significativa entre os estudos mais recentes quanto Gerstenberger, embora tenham sua parte nos avanços da pesquisa até o momento.



[41] GERSTENBERGER, 1984, Vol. 1, p. 10-13.

[42] Consulte: GERSTENBERGER, Erhard. **Der Bittende Mensch**: Bittritual und Klagelied des Einzelnen im Alten Testament. Neukirchen: Neukirchener, 1970 (WMANT 51). Consulte também: GERSTENBERGER, Erhard. Der Klagende Mensch. In: WOLFF, Hans W. (Org.). **Probleme Biblischer Theologie**: Gerhard Von Rad zum 70 Geburtstag. München: Kaiser, 1971, p. 65-71.

[43] Consulte: COETZEE, 1992, p. 161.

[44] Beyerlin entende que os salmos de lamentação foram produzidos na época do Exílio.

[45] Delakat é da opinião que os suplicantes das lamentações são moradores de um asilo para doentes terminais da comunidade de Israel. No caso, eles não teriam condições de ir ao templo ou à sinagoga. Estes asilos, segundo a hipótese de Delakat, poderiam estar situados próximos aos locais de culto e recebiam pessoas doentes e inimigos do povo. Mas sua hipótese não teve aprovações e nem sequer é bem vista e recorrida na atualidade.

[46] Weiser equilibrou a ideia da busca por um Sitz im Leben dos salmos reunindo a ideia de um culto da aliança. Neste caso, os indivíduos suplicantes eram membros de uma comunidade da aliança, e como membro desta, mesmo como indivíduo, estava assegurado das bênçãos e proteções de Deus. Weiser associa esta aliança com aquela do Sinai, na tradição do Êxodo. Os inimigos seriam pessoas doentes que tornariam os outros impuros. Sua hipótese perde substância, porque esses "inimigos" tão presentes na literatura de lamentação podem ser diferentes de uma situação para a outra. Neste caso, para cada problema que o suplicante se encontrava, deveria haver uma solução diferente, diante de um inimigo peculiar. O destaque para esta visão é que prevê a ação imediata de Deus, *Yhwh*, persuadindo os inimigos e redimindo aquele que comunga com o povo eleito.

## 2.6 O estruturalismo e a crítica literária

Durante o século XIX é sabido que a visão positivista dominou as pesquisas bíblicas. Como movimento contrário, advindo da exegese crítica, surgiu o método histórico-crítico que ganhou espaço entre muitos pesquisadores da Bíblia. O objetivo deste método era explanar a origem, as razões da origem e o desenvolvimento do texto na sua história posterior.[47] A essência do método era a história do contexto da literatura bíblica. Ou seja, somente quando for possível demarcar o contexto de determinado texto é que será possível adentrar nas intenções e subjetivismo do autor (ou autores) do mesmo texto.[48]

O estruturalismo fazia distinção entre o que era histórico (puramente contextual) do que era literário (puramente estrutural) no texto. A ideia predominante para os estudiosos da literatura era a característica linguística do texto, ou seja, o seu estilo. Os textos bíblicos, seguindo os críticos literários e estruturalistas, deveriam ser analisados da maneira como eles se encontram, não mais partindo de uma reconstrução histórica do contexto de sua formação (diacrônica ou sincrônica).

Em outras palavras, com o avanço da crítica literária e do estruturalismo no exame da Bíblia, o texto poderia ser entendido pela análise do seu fenômeno linguístico. Para tanto, não poderia passar por uma crítica textual, de como o texto chegou a se apresentar.

Ainda neste período, houve a distinção clara entre a crítica literária e o estruturalismo. À crítica literária interessava a "arte pela arte", enquanto o estruturalismo se concentrava em desmascarar a "arte" do texto e mostrar as ideias ocultas atrás das convenções teóricas da linguística moderna. Com estes movimentos, tornou-se muito importante a percepção do "estilo" do texto. Os estudiosos destas linhas aplicam os estudos retóricos e estruturalistas em suas exegeses.

É importante destacar o trabalho de David Clines,[49] Luiz Alonso Schökel[50] e Robert Alter[51] que combinam suas pesquisas com estas ideias. Schökel, inclusive, segundo Hunt, é notavelmente habilidoso por sua análise de estilo e por considerar



[47] ADRIANO, José. O método histórico-crítico e seu horizonte hermenêutico. **Estudos de religião**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 35, p. 28-39, jul/dez, 2008.
[48] WIT, 2002, p. 94.
[49] CLINES, David J. **Art and meaning rethoric in biblical literature**. England: Sheffield, 1982 (Journal for the study of the Old Testament, Supplement series).
[50] Consulte: SCHÖKEL, Luiz A. **A Palavra inspirada**: a Bíblia à luz da Ciência da Linguagem. São Paulo: Loyola, 1992. Consulte também: SCHÖKEL, Luiz A. **Salmos I**: Salmos 1-72. Navarra: Verbo Divino, 1992. v. 1 e SCHÖKEL, Luiz A. **Salmos I**: Salmos 73-150. Navarra: Verbo Divino, 1993. v. 2.
[51] ALTER, Robert. **The book of Psalms**: a translation with commentary. New York: W. W. Norton & Company, 2009.

certos aspectos psicológicos em suas interpretações.[52] Percebe-se que os intérpretes começam a fazer uso da crítica literária e do estruturalismo aliados a outras hermenêuticas, como a sociológica e a psicológica.

### 2.7 Perspectiva antropológica, sociológica e psicológica

A perspectiva antropológica dos salmos de lamentação cresce à medida que há um entendimento de que a poesia de Israel dá testemunho do sofrimento, da fé, da alegria e das esperanças humanas. Esta dimensão antropológica é, segundo Coetzee, importante para a exegese dos textos sagrados hebraicos.[53]

Westermann esclarece profundamente acerca desta polaridade que existe de lamento e louvor do ser humano em sua totalidade.[54] Segundo ele, a oração é a reação natural diante da alegria e do sofrimento; é a maneira mais natural do *homo religiosus* (homem religioso) como reação direcionada a Deus por gratidão e decepção;[55] lamento e louvor, para Westermann, são o resultado. Eles nascem diante das necessidades da vida.[56]

Gerstenberger também contribuiu para esta visão antropológica da lamentação e sumariza toda lamentação israelita como: se vier de uma masmorra onde todas as possibilidades de vida tiverem sido cortadas; se vier da busca por Deus, que é responsável pelo seu povo, principalmente em aparente abandono; esperando por um rompimento no ciclo de sofrimento, por meio de um ato de salvação de Deus.[57] Em outras palavras, tal como entende Wolff, a lamentação é proveniente deste ser humano "necessitado e efêmero"[58] sempre "exposto a perigos".[59] É óbvio que tal lamento bíblico é produto de uma cultura em que a religião não se encontra secularizada, antes, permeia toda a cosmovisão do indivíduo/comunidade do antigo Israel.

Na perspectiva sociológica, podemos observar que os estudos sociológicos da literatura e do mundo bíblico aumentaram na medida em que os estudos da Sociologia da Religião ganhavam mais espaço entre os acadêmicos. Vislumbramos o papel decisivo do trabalho de Durkheim.[60] Porém, a partir dele concentram-se as



[52] HUNT, John. Recent Psalm study: individual Psalms and verses. **Worship**. [s.l.], n. 52, p. 245-258, 1978.
[53] COETZEE, 1992, p. 164.
[54] WESTERMANN, 1981, p. 15-35.
[55] WESTERMANN, 1981, p. 22, 23.
[56] WESTERMANN, 1981, p. 22-25.
[57] GERSTENBERGER, 1971, p. 72.
[58] WOLFF, Hans W. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 33-66.
[59] WOLFF, 2007, p. 223.
[60] DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

pesquisas que assumem a leitura sociológica da Bíblia Hebraica.[61] Gottwald é um dos que aplicam pressupostos das Ciências Sociais aos estudos e descobertas do mundo do antigo Israel.[62] Wilson[63] e Overholt[64] fizeram suas contribuições, juntamente com Gottwald, sobre a descoberta de lugares e instituições sociais dos judaítas e de Judá.

Os estudos sociais contribuíram muito para a compreensão do que foi o exílio babilônico[65] por meio da aproximação do texto bíblico ao mundo social do antigo Oriente Próximo,[66] consequentemente, ao melhor entendimento da sociedade israelita,[67] uma vez inserida neste contexto maior do mundo antigo. Para o estudo dos salmos, podemos identificar o lugar vivencial destes poemas e acessar tanto a cultura e sociedade (na perspectiva humanista), quanto a psique do suposto salmista (na leitura histórica-crítica).

A perspectiva psicológica ganha seu espaço quando o exegeta considera a individualidade da voz que estaria por trás do salmo e percebe as várias facetas que envolvem a sua psique. Keel, por exemplo, foi bastante influenciado pela linha de pesquisa que procura o lugar vivencial dos salmos de lamentação. No entanto, explana que o lugar vivencial dos salmos de lamentação é a psique humana. Os inimigos são a personificação física do sofrimento do suplicante. A definição de vida é transferida da instituição cúltica à subjetividade do suplicante, ou ainda, para o subconsciente coletivo do povo.[68]

Joyce explanou a respeito do processo do sofrimento a partir desta perspectiva psicológica de leitura dos salmos de lamentações. Ele baseia parte de suas teorias no trabalho de Spiegel e Kübler-Ross. Spiegel resume um padrão de quatro estágios pelos quais o sofredor passa: choque; controle; regressão e adaptação. Kübler-Ross, por sua vez, define cinco estágios psicológicos diante da experiência da morte: negação e isolamento; raiva; barganha; depressão e aceitação. Podemos observar que estes



[61] NIELSEN, Donald. Transformations of society and the sacred in Durkhein's religious sociology. In: FENN, Richard K. **The Blackwell Companion to sociology of religion**. Malden: Blackwell Publishing, 2001, p. 120-132.
[62] GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988.
[63] WILSON, Robert. **Sociological approaches to the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1980.
[64] OVERHOLT, Thomas. Prophecy: the problem of cross-cultural comparison. **Semeia**, n. 21, 1985, p. 55-78.
[65] Consulte: SMITH, Mark. **O memorial de Deus**: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006. p. 68-78.
[66] CARTER, Charles. Social scientific approaches. In: PERDUE, Leo (Edit.). **The Blackwell Companion to the hebrew Bible**. Malden: Blackwell Published, 2001. p. 43.
[67] CLEMENTS, Ronald. **O mundo do Antigo Testamento**: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas. São Paulo: Paulus, 1995.
[68] Consulte: KEEL, O. **Feinde und Gottesleugner**: Studien zum Image der Widersacher in den Individualpsalmen. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1972.

teóricos nos quais Joyce se baseia têm muito em comum: a experiência e o processo da perda. Isso poderia ser muito bem correlacionado com a experiência dos poetas bíblicos que lamentam.[69]

O próprio Von Rad sentenciou que o lugar vivencial dos salmos de lamentação era o "coração humano".[70] Uma perspectiva bastante psicológica.

As perspectivas antropológica, sociológica e psicológica se aproximam entre si porque tratam diretamente a respeito do indivíduo e sua sociedade. Elas nos informam como a cultura e o meio social moldam o pensamento do indivíduo e, consequentemente, suas tradições. Com estes estudos podemos ter as percepções ampliadas em como era vivenciada a religião no transfundo do texto que temos acesso.[71]

### 2.8 Perspectivas teológicas, temáticas e pastorais

A perspectiva teológica é aquela que levanta temas relativos à Teologia bíblica do Antigo Testamento correspondentes aos salmos de lamentação, como: oração, pecado, fé, perseverança, o mal, justiça/injustiça, sofrimento, Deus, etc. Normalmente, essa perspectiva é imbuída dentro de um sistema doutrinário peculiar, como no judaísmo ou cristianismo.

Kraus contribuiu com a perspectiva teológica ao escrever uma teologia dos salmos. Kraus observa que a lamentação em si trata dos inimigos do "eu" poético dos salmos, compreendendo-os sob três possibilidades: inimigos do povo, do indivíduo ou poderes míticos.[72] Eles seriam forças representativas da maldade, da operação contrária à vontade de Deus e seus súditos.

Não obstante, os estudos teológicos dos salmos de lamentação acabam sendo uma interessante fonte para a vida devocional das comunidades de fé, isto é, quando a teologia bíblica é transformada em teologia prática, para ajudar as pessoas a desenvolverem sua fé em meio ao sofrimento a partir dos salmos de lamentação.[73]

Contrastando, até certo ponto, com a escola cúltica, a perspectiva teológica

[69] JOYCE, Paul. Lamentations and the grief process: a psychological reading. **Biblical interpretation**. Leiden: Brill, v. 1, n. 3, p. 304-320, 1993.
[70] RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste/Targumim, 2006. Vol. 1 e 2.
[71] Vale a pena consultar a bibliografia de Gerstenberger em sua pesquisa sobre os salmos de lamentação na obra de fácil acesso ao leitor brasileiro: GERSTENBERGER, 1984, p. 31-42.
[72] KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**. Salamanca: Sigueme, 1985. p. 167-182.
[73] Vários são os autores que têm recorrido aos salmos de lamentação para aplicá-los na vida das comunidades de fé e das pessoas em geral. Só para citar alguns trabalhos responsáveis, lembramo-nos de Dietrich Bonhoeffer e C. S. Lewis: ambos escreveram comentários devocionais sobre os salmos, enfocando o alívio espiritual em meio à dor e ao sofrimento. Essa é a chamada teologia prática, ou mística, dos salmos.

focaliza a piedade individual, procurando perceber nas peculiaridades da religião de Israel veículos da experiência espiritual do ser humano.[74] Faz uso dos estudos críticos ao observar as lamentações individuais e comunitárias, porém, com a finalidade de perceber como o indivíduo e o povo de Israel se voltavam para Deus. A busca pela teologia da lamentação a torna fonte de auxílio e libertação para as almas angustiadas e oprimidas.

Para Brueggemann, a oração de lamentação "é um ato de profunda fé", pois entregamos "aos cuidados de Deus nossas mais abomináveis emoções, sabendo que elas serão tratadas com seriedade".[75] Hopkins escreve que "uma das contribuições mais empolgantes do novo enfoque sobre a hermenêutica dos salmos e lamentos [...] é a teologia e a doutrina da oração".[76] Quando isso acontece, adentramos na perspectiva prática de leitura dos salmos de lamentação.

As perspectivas teológicas e temáticas se aproximam bastante neste sentido. Na perspectiva temática, um dos temas levantados é o da ausência de Deus. Os estudiosos desta vertente entendem que os salmos de lamentação são claramente o resultado do abandono de Deus na experiência dos poetas, principalmente devido ao pecado humano. Deus é percebido como o autor dos desastres, bem como o que salva seu povo deles. Ainda nesta linha, uma mais psicológica vai descrever que não se trata do abandono literal de Deus, mas do sentimento de abandono que o povo tem diante do sofrimento.[77]

Ainda sob a perspectiva temática, os estudiosos normalmente veem os inimigos retratados nos salmos de lamentação de três maneiras: aqueles que praticam iniquidade, ou seja, não são moralmente compatíveis com o ideal que a religião de Israel prevê, portanto, exercem poderes ocultos (magia) contra o justo/suplicante; aqueles que fazem acusações falsas em relação ao suplicante - esta teoria foi mais aceita que as demais - e estes inimigos poderiam ser estrangeiros e o "eu" que fala no salmo seria o rei ou algum líder do exército diante de uma batalha contra outra nação ou representatividade cultural-religiosa.[78]

Vale ressaltar os esforços que os biblistas latino-americanos têm feito na interpretação dos salmos em geral, talvez ainda não voltados para os de lamentação.



[74] FOHRER, 2006, p. 24, 25.
[75] BRUEGGEMANN, Walter. **The message of Psalms**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984. p. 77.
[76] HOPKINS, D. B. New directions in Psalms research: Good news for theology and church. **Saint Luke journal of theology**, [s.l.], n. 29, p. 271-283, 1986, p. 282.
[77] COETZEE, 1992, p. 165.
[78] COETZEE, 1992, p. 165.

Esses estudiosos têm trabalhado diversas releituras dos salmos aplicando-os à realidade latino-americana. É o que faz Faria, por exemplo, tratando os salmos de lamentação como "salmos de sofrimento";[79] e Siqueira, num trabalho que envolve diretamente os salmos de lamentação.[80] Ambos são de suma importância para a pesquisa dos salmos de lamentação.

A hermenêutica latino-americana, dentro dessa perspectiva teológica e temática dos salmos de lamentação, serve como exemplo das diversas releituras e hermenêuticas específicas que nos ajudam a compreender nuanças na pesquisa desses salmos.[81]

### 2.9 Perspectiva canônica

O cerne da abordagem canônica fica por conta de Brevard Childs (1923-2007). Childs assume que o cânone em sua forma e conteúdo possui um papel significativo na história. Ao demonstrar o pensamento de Childs, Fown indica que

> o conceito de cânone que implica estes escritos têm uma função que não esgota seu papel original na história, mas continuam a funcionar na vida da igreja em cada geração, através do trabalho do Espírito Santo. Por sua peculiar formação da tradição, o cânone fornece a chave hermenêutica para as gerações posteriores de cristãos para o apropriado testemunho antigo de si mesmo.[82]

Para Childs, a leitura da Bíblia hebraica a partir de sua tríplice divisão canônica possibilita uma melhor compreensão de um livro específico.[83] Simultaneamente ao trabalho de Childs encontramos a tentativa de Rendtorff e Cruesemann em aplicar a perspectiva canônica em suas exegeses.

Em outras palavras, os livros que fazem parte dos Escritos da Bíblia hebraica

[79] FARIA, Jacir F. Salmos de sofrimento: expressão da interiorização das relações com Deus! **Revista de interpretação bíblica latino-americana**. [s.l.], n. 45, p. 105-114, 2003.
[80] SIQUEIRA, 2005, p. 23-30.
[81] Para Wit, hermenêutica não é o mesmo que exegese. Por exemplo, para ele, a contextualização de um texto bíblico para um sermão se baseia na exegese, ou seja, usa os resultados dela. A exegese é analítica, pretende explicar, despertar os vários espectros de significados de um texto. A exegese protege os interesses do texto, diante do leitor-intérprete. O exegeta tem como tarefa singular "reduzir-se" de seu próprio mundo, preconceitos e experiências para achegar-se ao texto-em-si. A hermenêutica, por sua vez, pretende combinar o passado com o presente, quer atualizar. Trata-se de releituras que algumas vezes se opõem à exegese. Temos hermenêuticas específicas, inclusive: de negros, feministas, indígenas, pobres e marginalizados, dentre outras. As várias hermenêuticas são maneiras de analisar processos de leitura bíblica. Consulte: WIT, 2002, p. 9-18.
[82] FOWL, S. The canonical approach of the Brevard Childs. **The expository times**. London: Sage Publications, n. 96, p. 173-176, 1985.
[83] Consulte: CHILDS, 1979, p. 501-503. O caminho inverso foi executado por Siqueira, que identificou os *Escritos* como uma grande lamentação, a partir da singularidade e do número de lamentações desta divisão como um todo. Conforme: SIQUEIRA, 2005, p. 23-30.

possuem relações e inter-relações que implicam na sua forma e conteúdo. É o que percebe Siqueira, ao afirmar que a terceira parte da Bíblia Hebraica é ela própria constituída em um lamento, ou seja, o gênero e ambiente do qual se origina e destina a terceira parte da Bíblia Hebraica visa destacar a lamentação em seus significados na vida religiosa de Israel.

Especificamente sobre os salmos de lamentação, Childs entendia-os como salmos corporativos no qual o indivíduo está inserido. Para ele, o "eu" poético se trata da representatividade da comunidade que suplica a Deus[84] em sua perspectiva canônica. Tal hipótese tem sido desenvolvida pelos estudiosos com o auxílio das obras de Bakhtim, percebendo no "eu" poético uma multiplicidade de vozes que compõe os salmos de lamentação para fazer acusação frente a seus opositores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intérprete atual deve utilizar as mais variadas interpretações realizadas ao longo da história para se aproximar de um texto bíblico. A história da interpretação de um texto não pode ser deixada de lado quando o assunto é exegese. Nem mesmo as maneiras como as tendências acadêmicas se aproximam de seu objeto de estudo. Porém, diante de várias óticas, o intérprete e estudioso das lamentações deve fazer uso dessa pluralidade de perspectivas para seus estudos sem utilizar uma única possibilidade como sendo a correta.



Coetzee direcionou algumas possíveis tendências na pesquisa da linguagem de lamentação:[85] 1) os exegetas não podem desprezar as formas de lamentação da atualidade, pois elas são restritas a cada cultura e idiossincrasia; 2) nenhuma abordagem exegética usada no passado ou no presente pode ser destacada como definitiva e exclusiva para a interpretação, pois o excesso de ênfases nas tendências de uma interpretação específica em detrimento de outras geralmente leva os estudiosos a retificarem seus posicionamentos mais tarde; 3) a diversidade de perspectivas de pesquisa da lamentação deve ser respeitada, pois todas elas possuem seus méritos e contribuições; 4) as aplicações hermenêuticas das lamentações dependem da situação de vida do leitor ou ouvinte, isto é, Coetzee nos pede que lembremos das limitações entre pesquisador e objeto de pesquisa; 5) o conhecimento da história de Israel, do ambiente social, cultural e religioso do pano de fundo do Antigo Oriente Médio, da arqueologia do mundo antigo, da língua hebraica, do ugarítico e outras línguas

[84] CHILDS, 1979, p. 519.
[85] COETZEE, 1992, p. 167-168.

de escrita cuneiforme, das perspectivas exegéticas antigas e modernas, princípios hermenêuticos e perspectivas teológicas são indispensáveis para o bom desempenho das pesquisas dos salmos de lamentação e 6) o pesquisador atual deve realizar o exame mais detalhado nos pontos de estagnação das pesquisas que o precederam, para tornar mais efetivo e relevante o uso dos salmos de lamentação na experiência religiosa da igreja e das comunidades de fé, de um modo geral.

Portanto, o estudo das lamentações bíblicas se torna relevante aos teólogos e pastores pelas seguintes razões: 1) porque a Bíblia é o paradigma de fé e prática dos cristãos e a lamentação ocupa boa parte de sua textura; 2) a lamentação nos permite adentrar as maneiras pelas quais Deus se relacionou com o sofredor, e ainda se relaciona; 3) o assunto nos leva à simpatia e empatia pelos que sofrem e ajuda a tornar-nos sensíveis à dor alheia e 4) porque as várias situações de sofrimento no mundo, por exemplo, no sul da África e do chamado Terceiro Mundo, requerem de nós respostas e novas perspectivas espirituais para a vida em circunstâncias de constantes perdas e dores.



## REFERÊNCIAS

ADRIANO, José. O método histórico-crítico e seu horizonte hermenêutico. **Estudos de religião**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 35, p. 28-39, jul/dez, 2008.

AGOSTINHO, Santo. **Comentário aos Salmos**: Salmos 1-50. São Paulo: Paulus, 1997.

ALGLADA, Paulo R. **Introdução à hermenêutica reformada**: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

ALTER, Robert. **The book of Psalms**: a translation with commentary. New York: W.W. Norton & Company, 2009.

BENTZEN, Aage. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1968. v. 1.

BEGRICH, J. Die Vertrauensäußerungen im Israelitischen Klageliede des Einzelnen und in Seinen Babylonischen Gegenstück. **Zeitschrift für die Alttestamentliche**

**Wissenschaft**. Berlim, n. 46, p. 221-260, 1928.

BIRKELAND, H. **Die Feine des Individuums in der Israelitischen Psalmliteratur**: ein Beitrag zur Kenntnis der Semitischen Literatur und Religions-geschichte. Oslo: Grødahl&Søns, 1933.

BRUEGGEMANN, Walter. **The message of Psalms**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984.

CARTER, Charles. Social scientific approaches. In: PERDUE, Leo (Edit.). **The Blackwell Companion to the hebrew Bible**. Malden: Blackwell Published, 2001.

CHILDS, Brevard. **Introduction to the Old Testament as Scripture**. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

CLEMENTS, Ronald. **O Mundo do Antigo Testamento**: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas. São Paulo: Paulus, 1995.

CLINES, David J. **Art and meaning rethoric in biblical literature**. England: Sheffield, 1982 (Journal for the study of the Old Testament, Supplement series).

COETZEE, J. H. A survey of research on the Psalms of lamentation. **Old Testament essays**. Pretoria: OTSSA, n. 5, p. 151-174, 1992.

COSTA, Hermisten. **Calvino de A a Z**. São Paulo: Vida, 2006.

DALGLISH, E. R. **Psalm fifty-one in the light of ancient near eastern patternism**. Leiden: Brill, 1962.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FALKENSTEIN, A.; SODEN, W. von. **Sumerische und Akkadische Hymnen und Gebete**. Zürich: Artemis, 1953.

FARIA, Jacir F. Salmos de sofrimento: expressão da interiorização das relações com Deus! **Revista de interpretação bíblica latino-americana**. [s.l.], n. 45, p. 105-114.

FEININGER, Bernd. A decade of german Psalm-criticism. **Journal for the study of the Old Testament**. London: Sheffield, n. 20, p. 91-103, 1981.

FERREIRA, Franklin. **Agostinho de A a Z**. São Paulo: Vida, 2006.

FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2006.

FOWL, S. The canonical approach of the brevard childs. **The expository times**. London: Sage Publications, n. 96, p. 173-176, 1985.

GERSTENBERGER, Erhard. Der Klagende Mensch. In: WOLFF, Hans W. (Org.). **Probleme Biblischer Theologie**: Gerhard Von Rad zum 70 Geburtstag. München: Kaiser, 1971, p. 65-71.

_____. **Der Bittende Mensch**: Bittritual und Klagelied des Einzelnenim Alten Testament. Neukirchen: Neukirchener, 1970 (WMANT 51).

_____. **Salmos**: os gêneros dos salmos no Antigo Testamento. São Leopoldo: Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, 1984. Vol. 1.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988.

HOPKINS, D. B. New directions in Psalms research: Good news for theology and church. **Saint Luke journal of theology**, [s.l.], n. 29, p. 271-283, 1986.

HUNT, John. Recent Psalm study: individual Psalms and verses. **Worship**. [s.l.], n. 52, p. 245-258, 1978.

JOHNSON, A. R. The Psalms. In: ROWLEY, H. H. (Edit.). **The Old Testament and modern study**: a generation of discovery and research. London: Oxford University

Press, 1961, p. 162-209.

JOYCE, Paul. Lamentations and the grief process: a psychological reading. **Biblical interpretation**. Leiden: Brill, v. 1, n. 3, p. 304-320, 1993.

KEEL, O. **Feinde und Gottesleugner**: Studien zum Image der Widersacher in den Individualpsalmen. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1972.

KIRKPATRICK, A. F. **The book of Psalms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1957.

KNIERIM, R. Criticism of literary features, form, tradition and redaction. In: KNIGHT, D. A. e TUCKER, G. M. (Edit.). **The hebrew Bible and its modern interpreters**. Philadelphia: Fortress, 1985, p. 123-166.

KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**. Salamanca: Sigueme, 1985.

LUTHER, Martin. **Luther's works**: first lectures on the Psalms 1: 1-75. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1974.

_____. **Luther's works**: word and sacrament I. Philadelphia: Fortress Press, 1976.

MOWINKEL, Sigmund. Psalmkritik Zwischen 1900 und 1935: Ugarit und die Psalmenexegese. In: NEUMANN, P. H. A. (Org.). **Zur Neueren Psalmenforschung**. Darmstadt: Wissenschaftiche Buchgesellschaft, 1976, p. 315-341.

MOWINKEL, Sigmund. **The Psalms in Israel's worship**. Oxford: Basil Blackwell, 1962.

NIELSEN, Donald. Transformations of society and the sacred in Durkhein's religious sociology. In: FENN, Richard K. **The Blackwell Companion to sociology of religion**. Malden: Blackwell Publishing, 2001.

OVERHOLT, Thomas. Prophecy: the problem of cross-cultural comparison. **Semeia**, n. 21, 1985, p. 55-78.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste/Targumim, 2006. Vol. 1 e 2.

SCHÖKEL, Luiz A. **A Palavra inspirada**: a Bíblia à luz da Ciência da Linguagem. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Salmos I**: Salmos 1-72. Navarra: Verbo Divino, 1992. Vol. 1.

_____. **Salmos I**: Salmos 73-150. Navarra: Verbo Divino, 1993. Vol. 2.

SEYBOLD, K. **Das Gebet des Krankenim Alten Testament**: Untersuschungen zur Bestmmung und Zuordnung der Krankheits und Heilungspsalmen. Stuttgart: Kohlhammer, 1973 (BWANT 99).

SIQUEIRA, Tércio M. El lamento. **Revista de interpretación bíblica latinoamericana**. Quito, n. 52, p. 23-30, 2005.

SMICK, E. B. Mythopoetic language in the Psalms. **Westminster theological journal**. Philadelphia: Westminster Theological Seminary, n. 44, p. 88-98, 1982.

SMITH, Mark. **O memorial de Deus**: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006.

STEWART, Angus. **João Calvino sobre a excelência dos Salmos**. Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. Disponível em: ‹http://www.cprf.co.uk/languages/portuguese_calvinonpsalms.htm›. Acesso em: 20 abr. 2010.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva**: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e Pais Apostólicos. Santo André: Academia Cristã, 2005.

WESTERMANN, Claus. **Praise and lament in the Psalms**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1981.

WILSON, Robert. **Sociological approaches to the Old Testament**. Philadelphia: Fortress Press, 1980.

WIT, Hans de. **El la dispersion o texto es patria**: introducción a la hermenêutica clásica, moderna y posmoderna. San José: Universidad Biblica Latinoamericana, 2002.

WOLFF, Hans W. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2007.